

ESTUDO DE CASO: A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NA APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL DENTRO DO PROJETO RELAÇÃO FAMILIA ESCOLA

Elias do Nascimento Silva¹
Sueli Silva da Mota Gonçalves²

RESUMO

O presente artigo tem como objeto central a afetividade na Educação Infantil e como tal se respalda no projeto desenvolvido no 1º semestre na Creche Municipal Maria Malfacini Riva e investiga as relações interpessoais entre o educador/aluno/família onde se discute a função da afetividade no desenvolvimento da cognição do aluno. Para fundamentação desse trabalho baseamos em autores como Chalita (2004), Delors (2003), Monteiro (2004), Rogers, C. R & Stevens e Barry (2002). Os desígnios da pesquisa foram como se dá o desenvolvimento do aluno por meio da manifestação da afetividade e que fatores que contribuem no progresso da criança como a questão do pertencimento familiar e o envolvimento desta na aprendizagem. A pesquisa tem como suporte a formação acadêmica dos autores em estágio Supervisionado e se deu na Creche Municipal Maria Malfacini Riva, onde estudam crianças na faixa de quatro e cinco anos de idade (Pré I e II) a partir da observação do desenvolvimento do Projeto Família e onde se verifica as possibilidades educativas por meio da afetividade.

PALAVRAS-CHAVE: Afetividade. Relação professor/aluno. Aprendizagem

SITUANDO A ESCOLA

¹ Possui graduação em Pedagogia pela Universidade do Estado de Mato Grosso (2009). Lecionou nos anos de 2001 e 2002 no CEJA José Dias Trabalhou como Técnico Administrativo de 2005 a 2009 na UNEMAT (Universidade do Estado de Mato Grosso) Atualmente é efetivo da Prefeitura Municipal de Juara. Está lotado como Técnico Administrativo Educacional na Creche Maria Malfacini Riva e na Escola Estadual Oscar Soares (bibliotecário) Especialista em Gestão Escolar pela UNICID- teve como defesa monográfica no curso de Pedagogia o tema: "Relação Família e escola na aprendizagem". E-mail; ninffeto@hotmail.com.

² Técnica em Infraestrutura/Apoio Administrativo Educacional na Escola Estadual Iara Maria Minotto Gomes e Acadêmica do 1º semestre do Curso de Pedagogia do Centro Internacional Uninter em Juara; MT. Email: motajuara@outlook.com. Pesquisa realizada na Creche Maria Malfacini Riva na Rua Colômbia 383N- Jardim América-Juara/MT.

CRECHE MUNICIPAL MARIA MALFACINI RIVA

ENDEREÇO: Rua Colômbia, nº 383N- Bairro Jardim America.

DIRETORA: Maria de Fátima Reguine Gonçalves Lobato

COORDENADORA: Eloizinalda Batista Nunes dos Santos

NUMERO DE CRIANÇAS ATENDIDAS: 175

FAIXA ETÁRIA: 04 e 05 anos

TURMA ONDE FOI DESENVOLVIDO O TRABALHO: PRE II C

NUMERO DE ALUNOS: 23

JUSTIFICATIVA

A afetividade é um importante auxílio para a aprendizagem, e a relação professor/família/aluno é fundamental para que isso aconteça. O professor deve ensinar conteúdos aos alunos, mas deve ensiná-los a buscar respostas para suas indagações, e ter com eles uma relação afetiva, e para isso tem que conhecê-lo. Tradicionalmente, a família tem sido distinguida como parte essencial do sucesso ou fracasso escolar e assim verificam-se em várias pesquisas acadêmicas que deve haver o consenso entre família e escola deve fazer parte de qualquer prática educativa focando a formação de um indivíduo autônomo.

Essa união entre escola e família repousa principalmente na divisão do trabalho de educação de crianças, jovens e adultos, abrangendo expectativas recíprocas. Levando em consideração que o ser humano aprende o tempo todo, nos mais diversos interesses que a vida lhe apresenta, o papel da família é essencial, pois é ela que determina, desde cedo, o que seus filhos precisam aprender, quais são instituições que devem frequentar o que é necessário saberem para tomarem as decisões que os beneficiem no futuro.

Na atualidade as relações interpessoais estão comprometidas e o espaço infantil a princípio vem se tornando um espaço primordial na construção da socialização do ser humano desde pequeno. Assim, é fato dizer que a família entrega filhos aos cuidados da escola, e esta os recebem como alunos numa relação mútua de cumplicidade que deve se basear na confiança.

Nesse o espaço da escola em geral o trabalho pedagógico deve ter como foco o aluno num ambiente que seja um canal de comunicação com a família, pois o

mesmo estará se interagindo das habilidades desenvolvidas pelo educando e informando aos pais bem como diversos assuntos pertinentes à criança em um aspecto de colaboração.

A escola às vezes é tida como um lugar paralelo aos cuidados que os pais não poderiam oferecer por estarem trabalhando, hoje até mesmo pelas mudanças e regularizações de leis que fundamentam a educação básica ela tomou um status de corresponsável também pelo aprendizado que as crianças venham a adquirir nos anos posteriores da educação básica.

Neste ínterim buscou-se conhecer a afetividade, sua importância na aprendizagem, levar o professor a refletir sobre o seu papel de educador, bem como sua relação com o educando dentro do projeto Relação Família e Escola.

Falar-se-á neste trabalho sobre o que é afetividade, o motivo pelo qual os docentes a veem como um dispositivo de aprendizagem e também no relacionamento umas com as outras; o que é aprendizagem segundo alguns conhecedores e; a relação professor/aluno/família/escola, o papel do professor e como a afetividade pode ajudar no desenvolvimento cognitivo da criança.

Meu principal foco foi a investigação de como se estabelecem as relações de afetividade infantil entre o adulto e a criança e como elas entusiasmam o processo de ensino-aprendizagem. Meus principais objetivos visam entender a valor do afeto no desenvolvimento infantil e identificando características que contribuem de forma positiva e/ou negativa no desenvolvimento cognitivo do aluno.

Para enriquecer esse trabalho, realizei um estudo bibliográfico e observação em campo. A pesquisa foi realizada em uma escola pública municipal de educação infantil na cidade de Juara, onde realizei observações em uma turma de Pré II com crianças de aproximadamente cinco anos de idade.

PROBLEMÁTICA

Como o afeto e a relação Família-Escola pode colaborar no desenvolvimento cognitivo e moral do aluno?

OBJETIVOS

- Verificar como a afetividade ajuda no desenvolvimento cognitivo e moral da criança na Educação Infantil, e como esta o ajuda na resolução de desafios a tornando segura e autônoma;

- Investigar de que maneira o afeto ajuda a criança a desenvolver sua criatividade;
- Observar meios de desenvolvimento de criatividade e a imaginação;
- Verificar como se dão dinâmicas em torno do cuidar de si e do próximo;
- Vivenciar situações de socialização e interação ;
- Estudar a estimulação da linguagem oral;
- Ampliação do vocabulário;
- Estudar estratégias de limites e obedecer a regras;
- Observar o desenvolvimento do senso crítico;
- Investigar a valorização do respeito e a individualidade dos colegas;

ESTRATÉGIAS

O método utilizado foi a observação *in loco*. E o objetivo do autor não foi a princípio uma abordagem sistemática, mas sim fazer uma análise simples e de fácil consulta. Deu-se preferência ao método de observação e estudos de bibliografias e artigos sobre o tema bem como verificação de registros de portfólios feitos pelas educadoras

Os professores que participaram desta pesquisa, colaborando com o tema proposto, são profissionais em exercício de regência de classe numa escola municipal de Juara e dentro do projeto Relação Família e Escola, estes propuseram algumas estratégias como:

- Permeiar a rotina das aulas com atividades lúdicas;
- Promoção de jogos simbólicos;
- Trabalhar o auto-conceito;
- Organização do espaço físico;
- Trabalhar a motivação e a autoestima;
- Troca de experiências com a família;
- Valorizar a coragem e a determinação;

RESULTADOS

Esse tema abordado vem sendo muito discutido em nossa sociedade, e no

meio educacional onde teóricos e professores comentam sobre a carência afetiva de seus alunos. Sabemos que a afetividade é importante na aprendizagem, que a mesma depende da relação entre professor e aluno. O professor deve conhecer bem seus alunos, para poder ter uma relação amistosa com eles, e assim poderá realizar melhor o seu trabalho, com mais entusiasmo e dedicação.

Observo que na escola que um trabalho pedagógico de qualidade perpassa pela afetividade, pois como é sabido das professoras ela é importante para que a criança aprenda com mais entusiasmo e há inúmeras pesquisas que constata que a relação professor/aluno/família está equilibrada sobre esse ponto e evidencia-se que o mal da depressão está por trás de muitos problemas encontrados em alunos que apresentam algum tipo de deficiência cognitiva ou de outra ordem.

Acredito que a perspectiva de um ensino esteja nas atitudes do professor de saber promover um ambiente calmo, usando a afetividade. Freire, alerta que “Às vezes, mal se imagina o que pode passar a representar na vida de um aluno um simples gesto do professor (1996, p. 42)”.

Os educadores analisam a carência afetiva dos alunos, pais dizem ter dificuldades no relacionamento com os filhos, filhos reclamam da falta de atenção dos pais. O professor deve ter uma relação afetiva com seus alunos, deve escutá-lo, tratá-lo bem, independente de qual seja a religião, etnia ou classe social. Pelo pressuposto de Ferreira (1999, P.62):

A afetividade supõe que é um conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sob a forma de emoções, sentimentos e paixões, acompanhados sempre da impressão de dor ou prazer, de satisfação ou insatisfação, de agrado ou desagrado, de alegria ou tristeza.

Para que as pessoas possam se relacionar bem, esse conjunto de fenômenos psíquicos deve fazer parte de suas vidas, elas necessitam dessa afetividade, para se sentir queridas, amadas e seguras em seus relacionamentos.

As crianças que estão formando conceitos e opiniões é muito importante que elas tenham uma base para se sentirem amadas e seguras tendo o direito de expressar suas emoções, sentimentos e paixões para que possam se desenvolver melhor psíquica e fisicamente e crescerem em um ambiente adequado e saudável.

Saltini enfatiza que:

O ato amoroso consiste em querer alguém que nos entenda, que nos ouça e nos veja. Não são necessários grandes carinhos, precisamos apenas de alguém que nos veja, observe, perceba que existimos e

que estamos aqui - a isso chamo de relação afetiva. (2002, p. 78).

Há um discurso tradicional e instituído de que o professor deve ouvir, conhecer, amar e respeitar os alunos, ou seja, deve ser amigo deles. Mas surge um questionamento: se formos amigos de nossos alunos, não perderemos o respeito dos mesmos? . Chalita (2004, p.149) diz: “[...] que não, diz ainda que o professor só consiga atingir seus objetivos se for amigo verdadeiro de seus educandos, e com essa amizade conseguirá sim, o respeito dos mesmos”. Ao conhecer seus alunos e ter uma relação com eles, o professor poderá cumprir o seu papel como educador.

Observa-se ainda que a cordialidade afetiva faz com que a pessoa, seja ela aluno ou não, conheça o que está vendo ou vivenciando, estabelecendo uma relação de confiança que estimula o raciocínio. Como afirma Rogers (1986, p. 11) em que fala “[...] da necessidade da sala de aula ser uma ambiente de confiança, na qual a curiosidade e o desejo natural de aprender possam ser nutridos e realçados”.

A família e a primeira instituição onde acontecem as primeiras manifestações de aprendizagem pela criança. Assim, cabe a família ser o ponto de segurança e referência para ela, para que a mesma cresça segura e confiante em suas relações. Como afirma Delors (2003).

Considera-se então a grande influência que a família exerce na formação da criança e com isso a sua importância no dia-a-dia escolar delas. Percebendo a sua importância na educação da criança a família deve se interar do que a mesma vivencia na escola

Cabe a escola o envolvimento das famílias e a conscientização das mesmas no acompanhamento dos discentes nas realizações de suas atividades escolares, como também, a agilizar o envolvimento dos mesmos na comunidade escolar.

A conscientização da família com o seu papel a desempenhar na sociedade é tão importante quanto o papel da escola na sociedade. O aluno precisa vir para a escola disposto a aprender e satisfeito com a vivência familiar, sem trazer consigo problemas que o impedirão de aprender. Como pondera Monteiro (2004, p. 117) que diz:

A aprendizagem passa pela emoção, por isso, se o sujeito não se sentir seguro e confiante, sua consciência vai estar tomada com a preocupação de se defender o tempo todo que não conseguirá deixar

sua curiosidade e criatividade surgirem e com elas o desejo de aprender.

No cotidiano escolar professores e alunos não se vêem, não se conhecem, forma-se pessoas sem vínculos afetivos com aqueles que convivem então porque não rever essa metodologia.

Ser conhecedor desse papel fará da escola uma entidade transformadora de toda nação na formação de cidadãos comprometidos com a sociedade, críticos, reflexivos, autônomos e atuantes. Planejar e atuar com mais afetividade dará aos educadores instrumentos para mediar suas aulas no intuito de construir uma sociedade mais justa e igualitária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A afetividade é importantíssima para o aprendizado, pois o afeto é considerado a energia necessária para que o cognitivo possa operar, e assim a criança consiga aprender. A criança precisa de afeto, precisa se sentir amada, numa relação de pertencimento ela se sentirá segura na realização de suas ações. Na escola não é diferente, mas para que isso aconteça é necessário que haja interação entre professor e aluno.

Nessa relação mútua os alunos poderão se conhecer melhor, conhecer o objeto de estudo, bem como as pessoas que os cercam, tendo assim, um desenvolvimento satisfatório, aprendendo com maior facilidade. Percebe-se como foi visto que o aluno precisa sim de afeto e de uma relação boa com seu professor, só assim terá vontade de aprender.

A socialização como pratica derivada da afetividade é um estágio que se acredita a auto-aprendizagem para muitos estudiosos e para Wallon (2007) os aspectos afetivos incutidos nessa didática favorecem a cognição e assim a afetividade é um domínio funcional tão importante quanto o da inteligência. Segundo ele afetividade e inteligência constituem um par inseparável na evolução psíquica, pois, embora tenham funções bem definidas e diferenciadas entre si, são interdependentes em seu

desenvolvimento, permitindo ao indivíduo atingir níveis de evolução cada vez mais altos.

Vygotsky é taxativo ao afirmar que:

As reações emocionais exercem uma influência essencial e absoluta em todas as formas de nosso comportamento e em todos os momentos do processo educativo. Se quisermos que os alunos recordem melhor ou exercitem mais seus pensamentos, devemos fazer com que essas atividades sejam emocionalmente estimuladas. A experiência e a pesquisa têm demonstrado que um fato impregnado de emoção é recordado de forma mais sólida, firme e prolongada que um feito indiferente. (1984, p.121)

Respeitar a opinião do aluno é fundamental, isso significa que o educador tem que entender que não deve entregar aos educandos conteúdos prontos e acabados dentro do que denominamos *educação bancária*, mas levá-los a pesquisar, tirar suas próprias conclusões, transformá-los em seres críticos e pensantes.

O afeto, o carinho, o amor, um olhar de atenção, ajuda e muito a criança em seu processo de construção e aprendizagem acerca da questão de pertencimento e socialização. Os professores são unânimes em dizer que das principais reivindicações é a participação da família pelo desempenho de seus filhos na escola, pois estudos demonstram que filhos que são acompanhados em sua trajetória escolar pelos familiares tendem a ser mais bem sucedidos e apresentam menos dificuldades de aprendizagem. Segundo Gentile (2006 p.32):

Professores culpam a família “desestruturada” que não impõe limites nem se interessa pela educação. Os pais por sua vez, acusam a escola de negligente, quando não tacham o próprio filho de irresponsável. Nessa briga nada saudável, a única vítima é o aluno.

Quando a escola e os pais falam a mesma língua e têm valores parecidos, o aluno tende a adquirir o aprendizado sem grandes problemas. Assim o aluno não terá apoio dos pais para julgar mal a escola. De acordo com Reis (2007), é preciso investigar por que muitos pais não têm correspondido ao que os educadores esperam deles, quando solicitados a comparecer à escola. O autor propõe que a escola crie estímulos e estabeleça vínculos para que a família busque na escola muitas respostas de ordem educativa com seus filhos. Reis (2007 p.06), afirma que escola e família necessitam uma da outra para educação dos alunos, e que:

Uma vez escolhida a escola, a relação com ela apenas começa. É preciso o diálogo entre a escola, pais e filhos [...] Nesse âmbito, compete aos pais manterem-se informados sobre os resultados obtidos pelos filhos; colaborar

com professores para tornar mais coerente e eficaz a atuação escolar; manterem-se interessados pelas atividades realizadas pelos filhos na escola, valorizar a escola; os conhecimentos e habilidades que propicia para criar nos filhos hábitos de respeito e uma expectativa positiva em relação aos estudos.

Por sua vez, Muller (2002) afirma que nenhuma instituição poderá substituir as condições educativas da família e, nem parece razoável ser a escola a única a transmitir valores para o convívio do aluno em sociedade para desenvolver valores como a democracia, o respeito pelo outro, a solidariedade, a tolerância, o esforço pessoal e regras para a boa convivência. Nesse sentido, “[...] qualquer trabalho sobre o planejamento educacional ressalta a importância da participação dos pais na definição e consecução dos objetivos escolares, bem como sua corresponsabilidade”. (MULLER, 2002 p. 22).

O que se tem presenciado a esse respeito é que as escolas estão abrindo espaços para a participação das famílias, a ponto de hoje, família e escola serem parceiras coautoras das decisões administrativas e pedagógicas, o que acaba favorecendo e facilitando a educação dos estudantes.

As faculdades de Pedagogia e os cursos de licenciatura, por sua vez, vêm debatendo a necessidade de ambas, escola e família caminharem juntas, se responsabilizando mutuamente pela formação dos alunos. Sobretudo, para haver parceria, é preciso ter clareza do que cabe a cada uma das instituições e a que se propõem.

A escola além de compreender que a família mudou e é com essa família que deve trabalhar, precisa ser o espaço de formação/preparação das novas gerações. Segundo Zagury (2000 p.15), cabe à escola revitalizar a confiança na família, [...] no papel de formadora e a e trazê-la cada vez mais para dentro da instituição. Isso porque “Quando os pais passaram a se sentir inseguros e culpados por na estar tão próximos dos filhos, a escola tentou ocupar esse espaço. Mas ela não tem condições de fazer bem as duas coisas [...]”.

Pesquisas mostram que quando escola e família possuem objetivos parecidos, ou seja, fizer com que o aluno obtenha sucesso na aprendizagem, essas instituições conseguiram diminuir consideravelmente os índices de evasão e de violência, melhorando o rendimento dos alunos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CHALITA, Gabriel. **Educação: A solução está no afeto**. 14. ed. São Paulo: Gente, 2004.
- DELORS, Jacques. **Educação: um tesouro a descobrir**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários á prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção e Leitura).
- GENTILE, Paola in **Revista Nova Escola**. São Paulo: Editora Abril. Junho de 2007.
- MONTEIRO, Mara M. **Leitura e escrita: Uma análise dos problemas de aprendizagem**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.
- MULLER, José Luiz. **Práxis Pedagógicas**. CEACD/SINOP-UNEMAT, 2002.
- ROGERS, C. R & STEVENS, Barry. **De pessoa para pessoa – o problema do ser humano, uma nova tendência na psicologia**. São Paulo: Pioneira, 1986.
- SALTINI, Cláudio J. P. **Afetividade e Inteligência**. Rio de Janeiro DP e A, 2002.
- VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.
- WALLON, Henri. **A evolução psicológica da criança**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- ZAGURY, Tânia. **É preciso dizer não!.IN Revista Nova Escola**. São Paulo: Editora Abril. Março de 2000